

Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT

Nilson Almino de Freitas é bolsista de produtividade do CNPQ (PQ2). Graduado em Ciências Sociais (Bacharelado) pela UFC (1994), mestrado em Sociologia pela UFC (1999), doutorado em Sociologia pela UFC (2005) e Pós-Doutorado em Estudos Culturais no Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ (2011). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ, professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE, faz parte do quadro permanente do Mestrado Profissionalizante em Rede de Ensino de Sociologia na UVA e foi professor do quadro permanente do Mestrado Acadêmico em Geografia entre 2014 e 2019 na UVA. Coordena o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – Labome.



Claudia Turra Magni é Graduada em História (1983-1987), com mestrado em Antropologia Social (1990-1994) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, 1997-2002). Professora (associada 3) do Depto. de Antropologia e Arqueologia (Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), onde coordena o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/ICH/UFPEl), desde 2008, e o coletivo Antropóéticas (Grupo de Pesquisa do CNPq). Pesquisadora associada ao Institut d'Ethnologie Méditerranéenne, Européenne et Comparative (IDEMEC) vinculado à Université Aix-Marseille/AMIU e ao Centre National de Recherche Scientifique/CNRS, onde realizou pós-doutorado (2019-2020). Membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) desde 1994.



Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira é Professor, pesquisador, realizador audiovisual e fotógrafo, é doutorando e mestre em Comunicação (UFPE), com ênfase em Cinema Indígena e Documentário e bacharel em Ciências Sociais (UFC), com ênfase em Antropologia Visual e Etnologia Indígena. Tem experiência nas áreas de cinema e audiovisual, documentário, fotografia, antropologia visual, etnografia e etnologia. É membro do Grupo de Pesquisa “Imagens Contemporâneas” (PPGCOM/UFPE), da Rede Internacional de Cooperação em Artes, Educação e Humanidades (RedArth - Portugal), das Comissões Organizadoras dos projetos de extensão IX Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife (UFPE) e X Visualidades (UVA - Sobral/CE). Associado da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine), da Associação de Investigadores da Imagem e Movimento (AIM - Portugal) e da Associação para o Documentário (Apordoc - Portugal). Foi cofundador do Laboratório de Antropologia da Imagem - LAI/UFC (2005) e sócio-fundador do Instituto da Fotografia - IFOTO (Fortaleza, 2005).



Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1



Sobral-CE
2022



Trajétórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil. Volume 1

© 2022 copyright by Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Alex Giuliano Vailati
Alice Fátima Martins
Ana Luiza Carvalho da Rocha
Daniel Schroeter Simião
Daniele Borges Bezerra
Edgar Teodoro da Cunha
Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama
Ilana Strozenberg
José da Silva Ribeiro
Luis Felipe Kojima Hirano
Otávio José Lemos Costa
Patrícia dos Santos Pinheiro
Paulo Passos de Oliveira
Rumi Regina Kubo
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros

Trabalho técnico de transcrição:

Alessandro Barbosa Lopes
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Alexsânder Nakaôka Elias
Antonio Jarbas Barros de Moraes
Caio Nobre Lisboa
Daniele Borges Bezerra
Eric Silveira Batista Barreto
Tanize Machado Garcia
Vicente de Paulo Sousa

Apoio técnico às entrevistas online:

Vicente de Paulo Sousa

Revisão:

Celina Maria Linhares Paiva

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Imagens de capa:

Fabrizio Barreto Fuchs - Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (Leppais)
Paula Morgado e a bolsista Mariana Baumgaertner trabalhando no acervo fotográfico no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA, 2017)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

Realização:



Apoio:



T765 Trajetórias pessoais na antropologia (audio) visual no Brasil. / Organizado por Nilson Almino de Freitas, Cláudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira – Sobral- CE: Sertão Cult, 2022.

342p.

ISBN: 978-65-5421-012-6 - papel
ISBN: 978-65-5421-011-9 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/542101119-2022

1. Antropologia visual. 2 História da Antropologia. 3. Cinema. 4. Ciências Sociais. I. Freitas, Nilson Almino de. II. Magni, Cláudia Turra. III. Bandeira, Philipi Emmanuel Lustosa. IV. Título.

CDD 301



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Dedicado à Professora Patrícia Monte-Mor
(in memoriam)

Prefácio

No ano de 2020, a pandemia da COVID-19 pôs em risco a existência da humanidade, desafiando-nos a viver o isolamento sanitário sob normas e restrições até então desconhecidas. Em meio a este drama traumático, com apoio da ciência e da tecnologia, foi preciso reinventar formas de relacionamento social e profissional, lançando mão de resiliência, criatividade e solidariedade. O trabalho remoto foi incorporado ao nosso cotidiano, revelando possibilidades até então impensáveis na conexão entre pessoas, coletivos, organismos e instituições, que passaram a promover intercâmbios e eventos *online* de toda ordem.

É nesse contexto que surgem as “Webconferências sobre Trajetórias Pessoais na Antropologia Visual do Brasil”, organizadas de forma remota, via *StreamYard*, pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (LABOME/UVA), com o apoio do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som da Universidade Federal de Pelotas (LEPPAIS/UFPel) e de seu Coletivo Antropológicas, além do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV/ABA). Este projeto veio responder à iniciativa da Editora SertãoCult para que os membros de seu Conselho Editorial realizassem uma série de doze entrevistas remotas em suas respectivas áreas de pesquisa, visando à publicação do material reunido em *e-book*, para distribuição gratuita no âmbito de uma série chamada “Territórios Científicos”.

Ocorre que este leque inicial de entrevistas mostrou-se insuficiente para dar conta da vastidão e do vigor da Rede de Pesquisa em Antropologia Visual Brasileira, atualmente espalhada por todas as regiões do país. Isso estimulou os organizadores a “dobrarem a aposta” com um segundo volume, proposta que foi imediatamente acolhida pela editora, na medida em

que outro membro do Conselho Editorial também integra a equipe. Mas vinte e quatro entrevistas pareceu-nos ainda pouco representativo da densa tecitura que compõe esta Rede de Pesquisas, de modo que recorremos à captação de recursos via *crowdfunding* para um terceiro volume desta série. Cientes de que a relevância das trajetórias de profissionais que se cruzam, se tangenciam e se retroalimentam neste campo de atuação impõe limitações e incompletudes ao projeto, elegemos alguns critérios de escolha das pessoas a serem entrevistadas: a diversidade em termos regionais, institucionais, étnicos, raciais, de gênero; a variedade geracional quanto ao envolvimento no campo da Antropologia Visual, e ainda a participação em alguma edição precedente do programa de extensão Visualidades¹, promovido anualmente pelo LABOME desde 2009 e que, no ano de 2020, teve de ser suspenso devido à pandemia.

Ao todo, portanto, são três *e-books*, totalizando trinta e seis capítulos revisados e editados pelos/as entrevistados/as, de acordo com o que consideraram mais significativo frisar ou alterar em seus depoimentos. O material foi transcrito por discentes e docentes de graduação e pós-graduação, os quais assinam a coautoria dos capítulos, na medida em que entendemos a transcrição como uma interpretação da escuta do audiovisual, implicando na transformação da linguagem oral para a linguagem escrita. Convidados/as eventuais na condução das conversas também foram considerados coautores/as dos capítulos, enquanto aos três entrevistadores/a mais assíduos/a coube a função de organização da série.

A distribuição das entrevistas nos 3 volumes não buscou estabelecer um ordenamento cronológico, geracional, hierárquico ou outro, mas meramente atender às exigências do ritmo editorial, de acordo com o tempo das transcrições e de sua revisão por parte das pessoas entrevistadas. Assim, o conjunto do material encontra-se disponibilizado ao público em dois formatos:

1 O Visualidades oferece formação e mostras descentralizadas no campo das artes visuais, especialmente documentário, fotografia, desenho, pintura e instalações artísticas. Nos últimos anos, ganhou dimensão nacional e, antes da pandemia, envolveu 39 lugares, como escolas públicas de ensino básico, ONG's, equipamentos de assistência social e até nas ruas de bairros pobres de 13 cidades envolvidas. Os profissionais que haviam participado de conferências, minicursos e mesas redondas em alguma das dez edições precedentes foram convidados para as webconferências. O portfólio do Visualidades, pode ser visto no link: https://linkin.bio/labome_uva.

textual (editado e sintetizado em *e-book*) e audiovisual, com a integralidade das webconferências, acessíveis na página do LABOME² no *YouTube*.

As webconferências não tiveram limitação de tempo, nem roteiro rígido de perguntas, configurando-se mais como um espaço de diálogo aberto, incluindo comentários e perguntas do público. Houve depoimentos mais longos, com cerca de 4 horas de duração, outros mais sucintos, mas todos ricos em informações, referências e reflexões. Para além dos iniciantes, que acompanhavam de forma síncrona, também foram muito assíduos os integrantes desta comunidade de pesquisas, que encontraram nestes eventos remotos uma oportunidade de reafirmação de seus laços intelectuais e afetivos, na medida em que congressos, seminários e festivais onde costumavam se encontrar estavam suspensos. Estas entrevistas, portanto, não foram pautadas pela impessoalidade; ao contrário, elas fluíam conforme a identificação pessoal dos/as entrevistadores/as e participantes externos, de acordo com o tema e a experiência particular de cada um/a.

Na narrativa das pessoas entrevistadas, percebe-se o gosto pela revisão e reflexividade de seus percursos, entrelaçados com o de mestres, discípulos, colegas, estudantes, coletividades, associações e instituições, com os quais tecem relações dinâmicas, cumplicidades e/ou divergências e disputas. Mais do que meras autobiografias, portanto, estes experimentos narrativos acentuam múltiplos caminhos, envolvimento específicos, tensões e diferenças importantes que dão a ver o lastro no qual emerge e vai se delineando um campo de saber e atuação profissional que foi conquistando espaço e legitimação epistemológica, acadêmica e social ao longo das últimas e décadas. Com a publicação destes relatos, pretendemos contribuir na constituição de um material de base para a tarefa instigante de compreensão da implantação, do desenvolvimento e de desdobramentos deste campo da Antropologia no Brasil. Em que pese o movimento rizomático e a sinergia entre várias trajetórias particulares guiadas pela busca de sentido a suas práticas, esta análise não poderá desconsiderar os afetos multisituados envolvendo vários agentes, temas, métodos e técnicas, que ora convergem, ora divergem, de modo que cada experiência pessoal rompa rotinas estáveis e lógicas universais, sem desprezar tradições locais, regionais, nacionais e internacionais. Sem o intuito de identificar uma “mídia

2 A playlist completa pode ser acessada pelo link: https://www.YouTube.com/playlist?list=PLrKSbcOn7CPlLnaOF35Gj_ZrB2H7z7H7.

geral” entre trajetórias singulares, ou de cristalizar “formas de fazer” para a Antropologia (Audio)visual, nosso propósito foi o de valorizar as experiências e subjetivações através de histórias engajadas em movimentos, agências, desejos e potências coletivas.

Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira
Orgs.

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, e do volume dois, Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva, a série Território Científico chega ao seu terceiro volume, que reúne alguns dos maiores pesquisadores da Antropologia Visual. É com orgulho que apresentamos Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil - Volume 1.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Antropologia Visual brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país. E mais: é só o primeiro volume de uma série de três, nos quais são reunidas três dezenas de entrevistas. Estas obras já surgem como referência para aqueles que buscam conhecer a Antropologia Visual.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

Inicialmente, gostaria de agradecer aos organizadores o convite para escrever a Introdução deste primeiro volume da série de publicações **Trajetórias Pessoais na Antropologia (Áudio)Visual do Brasil**, organizado por Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira entre outros colegas.

Início minha introdução destacando que as histórias e as estórias que foram aqui relatadas versam sobre uma importante aventura espiritual, intelectual e ética para a formação da área da Antropologia visual contemporânea, seja nacional, seja internacional. Meus comentários sobre este volume dessa importante série de publicações vai compor-se de idas e vindas de minhas relações subjetivas e afetivas com o tema em questão, em um esforço de fazer o leitor despertar para os jogos de memória que mantêm viva a Antropologia audiovisual no Brasil.

Assim, para prosseguir, gostaria que o leitor se posicionasse no contexto de minha escrita segundo as palavras enunciadas por Marcel Proust (1971:305), no seu projeto inconcluso de crítica ao método crítico de Sainte-Beuve (1804-1969) para o estudo da arte literária: “Os belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira. Sob cada palavra, cada um de nós coloca o seu sentido ou pelo menos a sua imagem, que frequentemente é um contra-senso.” Não será por acidente que recorro, portanto, à minha ligação particular com esse campo de conhecimento para falar da obra em si, ao invés de apresentar os encadeamentos narrativos entre as trajetórias intelectuais apresentadas ou buscar entre elas, a todo o custo, uma ordenação num tempo específico.

Vou seguir aqui um certo excursão interpretativo para o que peço a compreensão do leitor. Nesse momento, vêm à minha mente os comentários de

meu mestre, Gilberto Velho, em sua obra *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das sociedades complexas*³, e que dizem respeito à condição do antropólogo pesquisando sua própria cidade. Isto se deve ao fato de que fui desafiada pelos meus colegas organizadores deste volume a tornar conhecido algo que sempre me foi familiar.

Logo, ainda para instruir o leitor sobre esta Introdução, confesso que, ao ler os depoimentos contidos nesta publicação, ainda que projetasse me manter vigilante no momento da leitura, não consegui me desprender das lembranças dos encontros diversos que compartilhei com os(as) colegas na nossa luta para legitimar os usos dos recursos audiovisuais para os avanços da pesquisa antropológica no Brasil.

A leitura que fiz da obra fez-me rememorar, portanto, alguns temas clássicos abordados pelo meu querido mestre, em sua extensa obra, em especial, em seus estudos sobre *Projeto, e metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas*⁴ e *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*⁵. Não obstante o título da série apontar para as trajetórias pessoais na Antropologia visual do Brasil, minha leitura foi pautada por algumas normativas dos estudos da Antropologia das sociedades complexas, agora aplicada a nós próprios, antropólogos e antropólogos.

Os acontecimentos, as situações e os fatos aqui presenciados por nossos narradores constituem valiosos conjuntos de experiência de diferentes profissionais ao longo de suas trajetórias acadêmicas e de pesquisa na direção da criação, da consolidação e da expansão do campo disciplinar da Antropologia audiovisual no Brasil, ou Antropologia visual, como alguns podem preferir. Peço, assim, a atenção ao leitor sobre peculiaridades das informações, dos dados e dos fatos contidos nos testemunhos de meus colegas com quem dialogo a partir de minha área de atuação, a da Antropologia da imagem e do imaginário.

Mais que trajetórias pessoais, destaco que se tratam de trajetórias individuais no interior de uma área de conhecimento específica da Antro-

3 VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

4 VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

5 VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.

pologia, considerada nos termos de um espaço sociocultural no interior do qual se tecem, finalmente, cada uma das trajetórias intelectuais aqui apresentadas. As entrevistas tratam, em muitas passagens, dos “quadros socio-históricos”, nos termos de Gilberto Velho (1981), que marcaram o processo de formulação e implementação dos projetos individuais de cada entrevistado(a) no campo da Antropologia brasileira.

Ao manusear este volume, peço ao leitor especial atenção à presença de diferentes projetos sociais que atuaram na formação específica da área da Antropologia audiovisual no Brasil. Da mesma forma, sugiro que reflitam atentamente acerca das peculiaridades e das singularidades que marcaram especialmente o percurso de consolidação desta matriz disciplinar no interior da pesquisa nas ciências humanas e sociais do país. E assim, a consolidação dessa área de conhecimento nas instituições de pesquisa e no ensino de graduação e pós-graduação do Brasil, as quais pertencem, diferenciadamente, cada um dos(as) entrevistados(as).

Reforço mais uma vez que se tratam de trajetórias que se desenrolam no campo das produções intelectuais, a da Antropologia do e no Brasil, e que vão convergir em um projeto coletivo, o da formação da área da Antropologia audiovisual brasileira, vivido singularmente por cada um dos indivíduos aqui entrevistados. Lembrando os estudos de meu mestre, o leitor está acessando biografias e trajetórias individuais que se expressam em projetos individuais, na direção de uma carreira profissional (VELHO, 1981) numa área específica de ensino e pesquisa da Antropologia brasileira.

Sigo aqui um roteiro muito específico, em minha leitura. Valho-me da experiência com o projeto de série documental *Narradores urbanos, etnografia nas cidades brasileiras*, construído pela minha colega e parceira de pesquisa, Cornelia Eckert com o objetivo de apresentar a gênese da formação do campo da Antropologia urbana no Brasil. Um projeto que teve a duração de mais de 5 anos, e que foi realizado pela equipe de pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual/Navisual, sob sua coordenação, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Neste sentido, esta publicação apresenta trajetórias individuais de pesquisadores relacionadas a certas constelações culturais singulares, a da formação dos saberes e fazeres científicos nas áreas das ciências sociais e, espe-

cialmente, no que se refere ao lugar que ocupa a produção audiovisual dentro da matriz disciplinar da Antropologia como parte de um projeto coletivo.

Trata-se de um projeto inicialmente tecido, nos fios do tempo, por alguns antropólogos e antropólogas, e que abarcou uma luta por espaços da área acadêmica, que se iniciava em congressos, seminários e encontros, e prolongava-se com a promoção de mostras nacionais e internacionais de documentários etnográficos e exposições fotográficas. Desse esforço resultou, por exemplo, a criação do Prêmio Pierre Verger de documentário etnográfico e, mais tarde, de fotografia e de desenho pela Associação Brasileira de Antropologia/ABA. Essa luta, travada tanto no plano das ideias quanto das instituições de ensino e de pesquisa, e mais além, das agências de financiamento e de avaliação, resultou hoje na inclusão da produção audiovisual brasileira no Qualis CAPES/ Comissão de Aperfeiçoamento e Pesquisa de Ensino Superior.

Observando o que me é familiar, me dou conta que a leitura desta publicação está fortemente influenciada pelo fato de que participei, em muitos momentos, do ambiente fecundo da construção do campo conceitual da Antropologia audiovisual no Brasil, razão pela qual me permito chamar a atenção do leitor para alguns aspectos singulares da forma como a publicação foi organizada.

Inicialmente, destaco que os depoimentos aqui retratados não obedecem nem a uma lógica historiográfica, nem a uma genealógica. Entretanto, sua originalidade reside precisamente no fato de que este *e-book* nos oferece um mosaico rico de experiências na área da Antropologia audiovisual do país que, se observados à distância, parecem estar distantes entre si, em termos geracionais. Entretanto, mantendo-se a atenção naquilo que nos é oferecido pelos relatos, podemos perceber um entrelaçamento sutil das memórias intergeracionais que vão dar origem à configuração de uma matriz disciplinar para esse campo do conhecimento antropológico no Brasil, assim como às diversas tradições que hoje se apresentam para o cenário nacional.

Sem dúvida, ainda que contendo uma mesma ordem de inquietude intelectual, se um leitor mais exigente desejar, ele poderá situar os principais fatos e acontecimentos registrados nas entrevistas dentro de certos intervalos de tempo, no esforço de compreender o sentido histórico atribuído

ao uso dos recursos audiovisuais na produção, distribuição e circulação do conhecimento antropológico.

Mas, ainda uma vez, eu peço ao leitor neófito um outro desafio na leitura desta publicação. Gostaria que ele se interrogasse sobre a intra-temporalidade que reúne os autores e autoras, segundo as diversas gerações, nessa aventura antropológica que se iniciou já há algum tempo e que se prolonga até os dias de hoje, com a atuação da nova geração de antropólogos/as atuantes nas redes digitais e eletrônicas contemporâneas.

Na “escuta” atenta dos relatos, peço especial atenção para as marcas dos aspectos geracionais nas trajetórias intelectuais aqui retratadas. Na atenção aos registros, e aos espaços de formação de cada personagem desta aventura, reparem na influência de diferentes tradições que marcaram a formação da matriz disciplinar da Antropologia audiovisual brasileira, atentem para o pluralismo de suas fontes originais, muitas delas situadas fora do Brasil.

Nesse cenário, acompanhem as trajetórias intelectuais nas relações que se tecem no campo das instituições acadêmicas de graduação e pós-graduação, da última década do século passado até os dias atuais, das quais decorreram a criação do ensino e da pesquisa na área da Antropologia audiovisual, em especial, nos Programas de Pós-Graduação do Brasil.

A abundância de teses, dissertações e trabalhos de curso de graduação que hoje temos não é mero acaso. Importante sempre recordar que esse panorama de que hoje desfrutamos nos usos da imagem para a produção de novas escritas etnográficas origina-se da audácia de alguns que desejavam ir além das formas convencionais de expressão escrita na construção de conhecimento antropológico. Essa série de publicações certamente tem uma importante missão a cumprir no plano dos jogos de memória dessa matriz disciplinar. Infelizmente, nesse percurso, perdemos algumas pessoas queridas que, sem elas, não teríamos chegado até aqui. Foi o caso de Patrícia Monte-Mor, mais recentemente.

Outro aspecto para o qual gostaria de chamar a atenção diz respeito à diversidade de formação dos profissionais no campo da Antropologia audiovisual que vamos encontrar na leitura deste volume, abrangendo profissionais que atuam em várias universidades brasileiras. Alguns deles são

responsáveis pela formação de importantes laboratórios, centros e núcleos de antropologia visual e do país, todos eles articulados em redes de parceria e colaboração de pesquisa tanto nacional, quanto internacional.

Importantes figuras do atual cenário da pesquisa brasileira, contribuíram de muitas formas para a produção de uma rica e vigorosa literatura especializada nos estudos de Antropologia audiovisual, presente em várias formas de publicação: livros, periódicos, artigos que tratam das questões teóricas e conceituais do campo da Antropologia audiovisual, sempre com uma reflexão crítica acerca dos procedimentos e das técnicas que envolvem o uso dos recursos audiovisuais no trabalho de campo.

À medida que a leitura das narrativas vai se acumulando, torna-se evidente que a produção audiovisual na/da Antropologia brasileira amplificou o debate em torno das modalidades narrativas no caso da produção de obras etnográficas. Um debate que alude às questões éticas do uso do registro audiovisual, não apenas durante o trabalho de campo do antropólogo, mas após sua finalização. Estou me referindo ao trabalhoso processo de reflexão acerca da autoria e da autoridade do etnógrafo na e da sua produção intelectual através do uso dos recursos audiovisuais, e que acarreta a desconstrução do positivismo e do objetivismo atribuído ao corpo da letra para a produção do conhecimento em Antropologia. Sem abdicar do papel da escrita na construção do pensamento antropológico, os testemunhos aqui apresentados sempre ressaltam a importância para o antropólogo do retorno da obra audiovisual, seja ela qual for, aos seus colaboradores de pesquisa.

Outro ponto de destaque reside no fato de que o leitor, ao adentrar os meandros do tempo que tecem as trajetórias intelectuais que compõem essa publicação, precisa ficar atento às transformações progressivas dos temas e dos objetos de pesquisa entre as diversas gerações entrevistadas e das quais vão derivar uma multiplicidade de produções que foram importantes para a consolidação, no Brasil, da investigação antropológica com e por meio das imagens. Todas elas disponíveis no acervo da Associação Brasileira de Antropologia e nos acervos de Núcleos e Laboratórios que atuam na área da produção audiovisual da Antropologia brasileira

Finalmente, chamo a atenção do leitor das novas gerações de antropólogos para o fato de que a liberdade por vocês desfrutada na adoção

de novas escrituras etnográficas no processo de transmissão dos saberes antropológicos origina-se precisamente das ricas trajetórias intelectuais de pesquisadores que lhes antecederam, incorporando narrativas etnográficas audiovisuais em suas produções acadêmica, sempre acompanhadas da reflexão sobre ética do uso das imagens na pesquisa. Vale, portanto, lembrá-las, sempre!

Boa leitura!

Ana Luiza Carvalho da Rocha, antropóloga.
Banco de Imagens e Efeitos Visuais, BIEV
Núcleo de Antropologia Visual/Navisual
PPGAS, UFRGS.
Porto Alegre, maio, 2022.

Sumário

Doi: 10.35260/54210119p.22-45.2022

**Uma trajetória não é um caminho solitário:
entrevista com Clarice Peixoto.....22**

Clarice Ehlers Peixoto
Vicente de Paulo Sousa
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.46-70.2022

**O que é que podemos conhecer juntos:
entrevista com Ana Lúcia Ferraz.....46**

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.72-99.2022

**A Antropologia não se faz só de texto:
entrevista com Nilson Almino.....72**

Nilson Almino de Freitas
Wagner Ferreira Previtali

Doi: 10.35260/54210119p.100-123.2022

**A representação está carregada de afetos:
entrevista com Paula Morgado.....100**

Paula Morgado Dias Lopes
Antonio George Lopes Paulino
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.124-147.2022

**A Antropologia é a arte da escuta:
entrevista com Lisabete Coradini.....124**

Lisabete Coradini
Telma Bessa Sales
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.148-175.2022

**Toda antropologia é visual:
entrevista com Sylvia Caiuby.....148**

Sylvia Caiuby Novaes
Tanize Machado Garcia

Doi: 10.35260/54210119p.176-211.2022

**A generosidade, a solidariedade e o sonho existem:
entrevista com Patrícia Monte-Mor.....176**

Patrícia Monte-Mor
Antonio Jarbas Barros de Moraes

Doi: 10.35260/54210119p.212-233.2022

**Como se estivesse sempre encantado:
entrevista com João Martinho.....212**

João Martinho Braga de Mendonça
Caio Nobre Lisboa

Doi: 10.35260/54210119p.234-273.2022

**A gente queria se tornar protagonista da nossa própria história:
entrevista com Takumã Kuikuro.....234**

Takumã Kuikuro
Alessandro Barbosa Lopes

Doi: 10.35260/54210119p.274-290.2022

**Essa forma de se aproximar do mundo:
entrevista com Rose Satiko.....274**

Rose Satiko Gitirana Hikiji
Antônio George Lopes Paulino
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.292-318.2022

**Não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas:
entrevista com Denise Cardoso.....292**

Denise Machado Cardoso
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Eric Silveira Batista Barreto

Doi: 10.35260/54210119p.320-336.2022

**As imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de
outra maneira: entrevista com Etienne Samain.....320**

Etienne Ghislain Samain
Alessandro Ricardo Pinto Campos

Colaboradores via crowdfunding.....337

Índice remissivo.....339



Etienne Ghislain Samain nasceu e se formou em Teologia (exegese) na Universidade Católica de *Louvain* Bélgica. No Brasil desde 1973, tornou-se antropólogo e fotógrafo, convivendo com as comunidades Kamayurá (Alto Xingu, MT) e Ka'apor (Maranhão). Interessou-se pelas imagens, desde aquelas presentes nas narrativas míticas até as que são produzidas pelas novas tecnologias. Enquanto se esforçava para fazer da Antropologia uma ciência não só de palavras, acabou por aproximá-la da Comunicação e da Arte. Professor titular aposentado do Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Entre outros trabalhos, publicou o livro "Moroneta Kamayurá" (1991) e organizou as coletâneas "O fotográfico" (2005) e "Como pensam as imagens" (2012). Suas pesquisas recentes partem das obras de Gregory Bateson e de Aby Warburg para pensar a comunicação humana na perspectiva da Antropologia, da Epistemologia e da Estética.

As imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de outra maneira: entrevista com Etienne Samain¹

Etienne Ghislain Samain

Alessandro Ricardo Pinto Campos

Alessandro Campos: Gostaria que você pudesse falar de sua trajetória acadêmica, única e belíssima, carregada de tantas experiências e produções que tanto nos inspiram.

Etienne Samain: Para responder à sua pergunta, eu diria que, há pouco tempo, dois dos meus alunos colocaram no site “Imagens e Antropologia Visual”² cinquenta dos meus artigos publicados desde os anos 1980. Foi para mim a oportunidade (relendo e procurando fazer um resumo dessas contribuições) de me perguntar: como esses assuntos e temáticas surgiram, como eles se conectam entre si e como eles se apresentam, hoje, em uma sucessão lógica que me parece coerente.

Alessandro: Uma anamnese de certa forma?

Etienne: Sim, uma anamnese do meu percurso acadêmico. Um percurso que decorre de uma dupla formação acadêmica: por um lado, um doutorado em Teologia em Lovaina, num campo heurístico muito específico, o

- 1 Excepcionalmente, esta entrevista da série Trajetórias na Antropologia Visual do Brasil foi realizada por escrito, em comunicação gradativa, através de e-mail, e não por webconferência, como as demais. O entrevistador foi Alessandro Ricardo Pinto Campos.
- 2 Um belíssimo trabalho realizado por Fabiana Bruno, João Mendonça, Etienne Samain e Françoise Biernaux disponível em http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/introducao/.

da exegese bíblica, ou seja, o estudo crítico da formação, da constituição e da decodificação dos textos da Bíblia; por outro lado, um mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional do Rio de Janeiro, que me levaria à descoberta das sociedades indígenas brasileiras (os Kamayurá e os Ka'apor) e a me interessar por suas produções intelectuais orais altamente sofisticadas que são os mitos dessas comunidades ágrafas.

Eis então uma primeira chave para entender minha trajetória: passei de uma formação em desvendar de textos bíblicos a um desvendar de produções orais, os mitos indígenas. Uma experiência extraordinária e exigente que não imaginava, saindo da Bélgica para o Brasil, em março de 1973, quando passei de uma cultura em que a escrita predominava para descobrir e me inserir em uma cultura em que a fala predominava.

Hoje, com um recuo de quase cinquenta anos, ficou claro para mim que fui profundamente interpelado e até fascinado por essa questão da comunicação humana. Quero dizer essa coisa muito simples, óbvia, banal: não pensamos o mundo e não o expressamos da mesma maneira, segundo o que dispomos ou da fala, ou da escrita ou de outras ferramentas e próteses da comunicação. Penso que deveremos voltar sobre esse assunto mais tarde.

Alessandro: Você evoca a fala, a escrita. O que as imagens representavam para você no tempo de sua formação?

Etienne: Vou ter que lhe surpreender. Tive que percorrer um longo caminho na minha vida antes que as imagens me domesticassem. Quero dizer o seguinte: nunca fui ensinado a pensar, a descobrir o que elas eram. As imagens existiam, claro. Pertenciam sobretudo ao mundo de nossa infância quando, após nossos primeiros rabiscos, desenhávamos, como todas as crianças do mundo, o sol, as estrelas, as árvores, nossa casa, os

Eis então uma primeira chave para entender minha trajetória: passei de uma formação em desvendar de textos bíblicos a um desvendar de produções orais, os mitos indígenas.

rostos de nossos próximos.... Pois, logo depois, a gente entrava na escola e, lá, a gente aprendia primeiro a ler e depois a escrever. As imagens, pouco a pouco, desapareciam de nosso universo. A gente tinha sido alfabetizado. Posso me lembrar também da formação no Museu Nacional, nos anos de 1975. Nas grandes monografias antropológicas que lia-

mos na época, por vezes, existiam imagens relegadas num bloco, no final do livro. Podiam servir de diversão, mas nunca foram objetos de atenção e de reflexão. A gente não as levava a sério.

Então, como cheguei a redescobri-las? Eu acho que duas circunstâncias teriam me ajudado. Por um lado, trabalhando nos mitos indígenas, fiquei rapidamente impressionado com a densidade imagética contida nesses mitos. Essas narrativas não apenas colocavam em movimento o imaginário e a imaginação, mas eram, à sua maneira, verdadeiros cenários, pequenos filmes em potencial. Então houve esse convite da Unicamp, em 1984, para participar com outros colegas da implementação de um projeto, na época, verdadeiramente vanguardista: a criação do Programa de Pós-Graduação em Multimeios. Tratava-se de levar o mundo das imagens a sério. Duas tarefas estavam em pauta: por um lado, aprofundar a questão das linguagens audiovisuais modernas (som, fotografia, cinema, vídeo, computação gráfica...), procurando identificar o que cada uma delas tinha de singular e de complementar com as outras e, por outro lado, medir até onde poderíamos abrir com elas novos campos de pesquisa nas ciências humanas, em particular na Antropologia.

Lembrei-me, ao descobrir essas novas tecnologias do ver e do saber, que, quando criança, eu tinha avistado o mar muito antes de poder nomeá-lo e falar dele e que precisei de muitos outros anos para poder escrever seu tão pequeno nome.

Alessandro: É muito bonito o que você acabou de resumir... é profundo, complexo, instigante... e lindo!

Etienne: Sim, é bonito. E veja bem, são imagens, uma sucessão de imagens que nos tocam, que nos falam, que entendemos e que nos fazem pensar...

Alessandro: O que representou para você essa nova aventura, o que implicava e como se efetivou?

Etienne: Você tem razão em falar de uma aventura pois, ao entrar no mundo da multimídia, me senti desprovido de tudo, desorientado, pisando num terreno até certo ponto totalmente virgem em termos de uma reflexão crítica pessoal. Senti logo que tinha que fazer uma escolha entre esses vários universos imagéticos (fotografia, cinema, vídeo), sob pena de me

perder e de falar um pouco de tudo e muito de nada. Gostava da fotografia por tê-la cortejado enquanto amador, ao longo da minha adolescência, e foi, então, esse campo da fotografia que priorizei. Me reencontrava com ela, face a um “objeto” complexo (uma imagem) que ia tentar desvendar.

Delineei num primeiro momento alguns territórios e parâmetros heurísticos em torno do que se poderia intitular a “natureza”, a “essência” da fotografia, o “ato” fotográfico, o “signo” fotográfico. Meus marcos e guias foram - entre outros - Henri Van Lier (1981), Philippe Dubois (1983), Jean-Marie Schaeffer (1987). Será muito mais tarde que redescobrirei Roland Barthes, cuja leitura da *Câmara Clara*, quando o livro foi lançado em 1980, me “irritou” de maneira muito errada.

Paralelamente, me interessava a História da Fotografia, mas, sobretudo, buscava entender como a comunidade científica francesa tinha se apropriado dos primeiros processos e dispositivos fotográficos e em que domínios os havia usado na segunda metade do século XIX. Foram para mim momentos apaixonantes de descobertas, de encontros singulares, às vezes com verdadeiros delírios.

No campo das artes, Duchenne de Boulogne procurava explicar as emoções e paixões humanas através da fotografia, depois de ter posado, em “pontos selecionados dos 10 músculos do rosto”, seu “pincel” conectado a uma bobina de indução elétrica e a eletrodos, quando o fisiologista Etienne-Jules Marey e seu contemporâneo Eadweard Muybridge se confrontavam, buscando com suas respectivas cronofotografias decompor visualmente o movimento em humanos e animais. Na área médica, Albert Londe, assistente do psiquiatra Charcot, no hospital da Salpêtrière, produzia milhares de “provas” das crises de pacientes epiléticos e histéricos quando, na Inglaterra, em Londres, Francis Galton, sobrinho de Darwin, com suas fotografias compósitas e de síntese, pesquisava os tipos e arquétipos biológicos para basear suas teses sobre o eugenismo. No campo da fotografia forense, Cesare Lombroso, em Milão, estava estabelecendo uma tipologia do homem criminoso quando, na Prefeitura de Paris, Alphonse Bertillon acabava inventando nossa carteira de identidade depois de estabelecer as noções básicas de antropometria.

Foi ainda nessa última década do século XX que, em 1995, foi publicada na França uma reimpressão do jornal semanal *La Lumière* (1851-1860)

que tinha como objetivo “fazer conhecer o que as Ciências, as Belas Artes e as descobertas traziam a cada dia de tesouros no centro da civilização”. Apressei-me a comprar um dos 300 exemplares e foi para mim uma outra fonte de descobertas, notadamente em direção a uma Antropologia Visual. Os antropólogos-naturalistas franceses descobriram as possibilidades heurísticas que a fotografia ofereceria à “visão” que eles tinham, na época, da “antropologia física”, a saber essa tentativa de mapeamento da “espécie humana”, das raças e, dentre elas, dos tipos humanos, numa perspectiva claramente evolucionista.

Foi nesse momento que pensei no Malinowski que, nas três grandes monografias dedicadas ao estudo dos nativos das ilhas Trobriand, tinha multiplicado os registros fotográficos que inseria no seu próprio texto. Dispunha das edições inglesas originais dessas obras, presentes na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Letras da Unicamp e foi, então, uma longa imersão nessa obra e, depois, na publicação de “‘Ver’ e ‘Dizer’ na Tradição Antropológica, em 1995, um artigo que foi bem recebido por antropólogos que procuravam assentar uma Antropologia Visual. Preciso dizer ainda que Malinowski não gostava de fotografar e que, na época de 1914-18, o registro fotográfico não era nada simples. Assim, o que o pai do funcionalismo nos ofereceu de mais primoroso foi o fato de ter insistido na importância de um inter-relacionamento entre a imagem (a fotografia, no seu caso) e o texto, no discurso antropológico.

Alessandro: Esta é precisamente uma pergunta que eu gostaria de fazer: como, no Brasil, surgiu essa ideia de Antropologia Visual?

Etienne: Sim, essa é uma pergunta que deve nos interessar. Da minha parte, só posso dar-lhe algumas pistas que poderiam nos ajudar. Para começar, uma curiosidade que não consegui decifrar: quem, no Brasil, traduziu em 1973, em São Paulo, sob o título Antropologia Visual: uma Fotografia como Método de Pesquisa, o livro de John Collier publicado nos Estados Unidos alguns anos antes, em 1967? Quem? Por quê? Tinha que haver razões. Em todo caso, tinha que ser uma resposta, eu acho, às necessidades, às expectativas que estavam surgindo.

o que o pai do funcionalismo nos ofereceu de mais primoroso foi o fato de ter insistido na importância de um inter-relacionamento entre a imagem (a fotografia, no seu caso) e o texto, no discurso antropológico.

Já que evoco o ano de 1973, gostaria de lembrar que, naquele mesmo ano, em Chicago, Margaret Mead, numa profética intervenção no IX Congresso do I.C.A.E.S publicada, logo depois, sob o título provocador de “Visual Anthropology in a Discipline of Words”³, denunciava o que chamou de “o esmagador parti-pris do verbal” na ciência antropológica e a fixação quase devota - para não dizer fetichista - que essa ciência consagrava às virtudes da escrita. Ela foi mais longe dizendo que chegaria o momento em que não seria mais suficiente “falar” do homem apenas “descrevendo-o em suas particularidades locais” porque a humanidade estava avançando na direção de um sistema de comunicação planetário que se daria a partir de outros meios de comunicação.

Esse aviso, muitos antropólogos ouviram e responderam desde então. Mas o que vejo, ainda hoje, é uma verdadeira resistência - para não falar de uma recusa sistemática - por parte de outros antropólogos, a considerar a importância heurística das imagens.

Alessandro: Como você explica esse fato, essa resistência, esse viés? Esse parti-pris? Seria uma espécie de suficiência? Seria o medo de dever ser alfabetizado nos múltiplos domínios da imagem e em suas lógicas?

Etienne: Não creio que devamos tentar convencer aqueles que não “suportam” as imagens ou que, pelo menos, as recusam. Eles são, com muita frequência, amantes do texto e da escrita que se acostumaram a disciplinar seu discurso sobre os homens na única lógica da escrita. Eles falam sobre seres vivos, descrevem-nos sem ousar mostrá-los. Eles estão certos em acreditar na eficácia da escrita. Eu compartilho essa convicção com eles. Eles não estão certos em reduzir e confinar as imagens em formas de anexos secundários, ilustrativos, que serviriam para apoiar e justificar o que eles dizem e escrevem. Embora a Antropologia saiba redefinir seus objetos de análise, parece padecer de miopia crônica quando deveria – com urgência – interrogar suas posturas cognitivas e discursivas face às exigências plurais de enunciação e de aproximação do “real”.

Os problemas colocados pela Antropologia Visual hoje vão muito além dessas relutâncias, reservas e recusas que acompanham as turbulências e os medos de entrar no século XXI. A Antropologia e aqueles que a fa-

3 Ver Paul Hockings, *Principles of Visual Anthropology*, The Hague-Paris: Mouton Publishers, 1973, p. 3-10. Uma segunda edição, aumentada, foi publicada, em 1995, Berlin-New-York, Mouton de Gruyter.

zem sabem que estamos todos frente a uma virada cognitiva e comunicacional de dimensão planetária. O que chamamos de “civilização das imagens”, portanto, levanta outros desafios muito sérios. As imagens não serão mais cecejas para serem colocadas no bolo do conhecimento. Elas devem ser levadas tão a sério quanto as palavras escritas. Também será necessário entender que os homens continuam pensando, se comunicando e se organizando nas sociedades, mas através de novos dispositivos audiovisuais que obedecem a outras gramáticas, outras modalidades lógicas e outros sistemas sui generis do único pensamento humano.

Ainda é verdade que vivemos hoje em meio a torrentes de imagens; imagens que nos fazem pensar, outras que nos iludem a ponto de perder a visão. Os antropólogos, como todos os seres vivos desse tempo, devem redescobrir, ao lado da fala e da escrita, as peculiaridades e os limites de um conhecimento pelas imagens, bem como os requisitos de suas representações, a relevância e a pertinência de seus usos. Sem dúvida, voltarei a esses assuntos mais tarde.

Mas onde estávamos então...?

Alessandro: Estávamos conversando sobre o que Malinowski procurava alcançar: o que queríamos chamar de “Antropologia Visual” e estávamos pensando no nascimento dessa Antropologia Visual no Brasil.

Etienne: Sim, é bom lembrar aqui um momento fundador dessa Antropologia Visual no Brasil. Foi no Rio de Janeiro, no Museu do Índio, em setembro de 1987, quando foi realizado o 1º Seminário de Antropologia Visual, parte integrante do 2º Festival Latino-Americano de Povos Indígenas. Os promotores deste evento foram Claudia Menezes, Patrícia Monte-Mor e Milton Guran. O Seminário de Antropologia Visual reunia cerca de 80 participantes e buscava diversos objeti-

A Antropologia e aqueles que a fazem sabem que estamos todos frente a uma virada cognitiva e comunicacional de dimensão planetária.

Ainda é verdade que vivemos hoje em meio a torrentes de imagens; imagens que nos fazem pensar, outras que nos iludem a ponto de perder a visão.

vos, em particular o intercâmbio de experiências entre diretores indígenas, cineastas, fotógrafos e cientistas sociais.

Eu tinha assumido a coordenação do grupo de trabalho “Fotografia e Antropologia Visual”, de tal modo que ainda posso me lembrar de algumas das questões levantadas. Estávamos já, na época, tentando entender os motivos e as reservas dos antropólogos por não considerar mais positivamente a chamada “Antropologia Visual” e recusar dar um status científico à sua pretensão de poder também observar e investigar, descrever, analisar, dizer, explicar, revelar e compreender visualmente os fatos e as expressões das culturas humanas.

Fotógrafos e antropólogos também foram convidados a descrever brevemente suas experiências de uso da fotografia em suas pesquisas antropológicas e avaliar as possibilidades e os limites de seus empreendimentos. Sem entrar em conflito, fotógrafos e antropólogos insistiam no fato de que o “discurso antropológico visual” não era da mesma ordem que o “discurso fotográfico artístico e estético” e que o “olhar do antropólogo” não era necessariamente “o olhar do fotógrafo”. Seria importante, dessa maneira, aprender a combinar melhor dois imperativos específicos da única Antropologia Visual: “aprender a ver” e “saber pensar e fazer as pessoas pensarem por imagens”.

Ainda estávamos discutindo os possíveis usos da fotografia na Antropologia e o que cada um desses usos implicaria em termos metodológicos. Seriam as fotografias usadas para observar, ilustrar, documentar, descrever uma realidade complexa, fazer as pessoas pensarem? E, para cada uma dessas situações, perguntar-se, então, o que, para quem e como (documentar, registrar ...etc.)?

Seria importante, dessa maneira, aprender a combinar melhor dois imperativos específicos da única Antropologia Visual: “aprender a ver” e “saber pensar e fazer as pessoas pensarem por imagens”.

Essas foram algumas das questões que surgiram na época e que, penso, ainda permanecem pertinentes. Desde então, muitas coisas foram alcançadas em quase todas as universidades brasileiras e seria bom fazer um balanço disto. Pois, sem sombra de dúvida, o que foi realizado resultou em uma abertura significativa do olhar antropológico.

Gostaria de voltar ao que lhe contei sobre Malinowski e sobre essa experiência tão enriquecedora que tinha vivido ao tentar entender o que ele procurava alcançar com todas as suas fotografias inseridas dentro dos textos de suas três principais monografias. Entendia que o que queríamos “revolucionar” na esfera antropológica não era tão inovador quanto pensávamos e que a designação de “Antropologia Visual” era, em última análise, apenas um “rótulo”, uma “etiqueta”. O que me parecia urgente fazer era, sim, promover uma história da Antropologia Visual.

Alessandro: O que isso significa?

Etienne: É bastante simples e, ao mesmo tempo, representa uma tarefa complexa. Quero dizer que não teríamos que reinventar a roda e que era importante ver o que já havia sido feito por antropólogos, mas também por não-antropólogos. Descobrir como eles haviam trabalhado, o que alcançaram, onde se equivocaram e falharam? Essa história da Antropologia Visual deve ser feita não apenas junto aos antropólogos dos tempos da invenção da fotografia e do cinema, não apenas na Europa e na América, mas também junto ao que foi produzido no Brasil. No entanto, essas pesquisas são poucas ainda, como faltam esse tempo e essa vontade de saber melhor e de maneira mais crítica o que está ocorrendo e sendo realizado nesse conjunto de núcleos e laboratórios antropológicos presentes na maioria das universidades do país. Todos trabalham, produzem, parabenizam-se mutuamente, mas não se conhecem em profundidade. E não menciono os periódicos de Antropologia Visual que surgiram nos últimos vinte anos, as dissertações e as teses defendidas em instituições universitárias. O que foi produzido é enorme e sabemos tão pouco, certamente não o suficiente.

Eis uma primeira exigência. Mas tem outras. Para pensar na fundação de uma Antropologia Visual precisa-se – além de uma formação antropológica de qualidade – pôr-se a pensar visualmente os dados da natureza e os fatos da cultura. Significa se interessar pelas imagens, tomar o tempo de olhar para elas e dar-lhes um princípio de confiança. Significa, ainda, procurar conhecer o que as imagens são nas suas diversidades (fotográfica, cinematográfica, videográfica, infográfica) e o que elas oferecem de potencialmente inovador e de possível, de singular e de complementar com relação a outras linguagens melhor conhecidas por parte dos antropólogos:

a fala e, sobretudo, a escrita, esta grande dama, por vezes autoritária e cega, que paira no campo das Ciências Sociais.

Quero voltar ao meticuloso trabalho que empreendi sobre as concatenações entre textos e imagens na obra de Malinowski para acrescentar que, logo depois, dava continuidade a esse primeiro mergulho, numa imersão, desta vez, no *Balinese Character, A Photographic Analysis*, que Margaret Mead e Gregory Bateson publicaram em 1942. É, sem dúvida, o mais mítico dos livros de Antropologia Visual. Não que seja o primeiro trabalho atento à questão do uso integrativo da imagem no discurso antropológico, mas certamente o único - até agora não superado - que considerou, de forma exemplar e sistemática, a relação entre texto e imagem no campo da pesquisa antropológica. Todo o livro, com efeito, representa a tentativa de explorar, verbal e visualmente, de que modo e através de que comportamentos socialmente adquiridos, uma criança nascida em Bali tornava-se uma criança balinesa. Um livro ousado, sem dúvida, ousado demais, que não devia despertar nenhuma emoção acadêmica por parte dos antropólogos na época de seu lançamento.

Alessandro: E por quê?

Etienne: Proponho uma dupla e possível explicação. A Antropologia tinha perdido mais de meio século (1850-1910) fazendo um inventário fotográfico do mundo das “raças” e “tipos” humanos, em suma, das características da “espécie humana”. A Antropologia Física (quer dizer, na época, o estudo de crânios, braços, pés, seios, genitália externa e, na medida do possível, de todo o corpo “esculpido” em gesso [outro negativo]), assim como a antropometria, eram vias sem saída real, verdadeiros desastres peculiares. Outra Antropologia estava para nascer: a Antropologia Cultural.

Este novo direcionamento necessário às ciências do homem iria, desta vez, participar e obedecer a propostas teóricas cada vez mais sofisticadas tanto quanto abstratas, que iriam assim dispensar, aos poucos, o uso de recursos imagéticos no campo das representações antropológicas, reforçando a sagrada ordem de uma preeminência do ato de “escrever”. Do evolucionismo ao difusionismo, tinha-se chegado, no início do século XX, ao funcionalismo de Malinowski, antes de se descobrir, nas obras já clássicas de A.R. Radcliffe-Brown e, sobretudo, de E.E. Evans-Pritchard, os fundamentos e os contornos de uma Antropologia estrutural, que culmina-

ria nos monumentos de rigor lógico deixados, desde os anos cinquenta e por quase outro quarto de século, por Claude Lévi-Strauss. Eis o que pode explicar porque a Antropologia Visual “sumiu”, teve que hibernar durante muitos outros anos.

Alessandro: Sim, ela hibernou, mas iria acordar em breve...

Etienne: Logo após a experiência de Bali, a qual acabei de me referir, Bateson deixará de lado o que qualificamos de “Antropologia Visual” para, desta vez, com outros antropólogos (entre eles, Erving Goffman, Edward T. Hall, Ray Birdwhistell) passar 30 anos de sua vida refletindo nas questões que levantavam a comunicação humana.

Disse, logo no começo desta entrevista, que a questão dos meios de comunicação à disposição dos seres vivos (som, fala, escrita, imagens, máquinas de imagem), mas também as modalidades da construção e da organização do pensamento humano, sempre me preocuparam. E, de repente, faço o encontro de Gregory Bateson. Ele é biólogo, e antropólogo, nós sabemos disso. Mas é também um epistemólogo da comunicação, o inspirador e o pivô desse colégio invisível que é a Escola de Palo Alto, a escola da “Nova Comunicação” como se tornou conhecida. E para não ter que me alongar, eis o que me impressiona quando descubro Bateson. Ele diz o que vai repetir até sua morte, em 1980: “procurei sempre a estrutura que conecta todos os seres vivos”.

Alessandro: Aí começa sua aproximação tão íntima e sensível com Gregory Bateson. Fale sobre ela.

Etienne: Bateson fala da comunicação entre os seres humanos. Uma comunicação entendida na sua acepção ampla, isto é, encarada não mais e tão-somente como ato individual, e sim como um fato cultural, uma instituição e um sistema social. Uma comunicação pensada não apenas a partir da natureza e das interações possíveis entre suas mensagens, mas, também, através das singularidades dos seus suportes comunicacionais. Com

Bateson fala da comunicação entre os seres humanos. Uma comunicação entendida na sua acepção ampla, isto é, encarada não mais e tão-somente como ato individual, e sim como um fato cultural, uma instituição e um sistema social.

poucas palavras, uma comunicação, enfim, concebida como sendo uma orquestração instrumental, social e ritual, eminentemente sensível, sensorial e sensual, sempre inserida em um contexto, ou seja, em um circuito de fenômenos conectados. É isso que, daqui para frente, vai guiar minha trajetória e meu pensamento.

Alessandro: Esse encontro entre Samain e Bateson é muito rico e profundo.

Etienne: Creio que nenhum cientista social (antropólogo, sociólogo, historiador...) contestará o fato de que a comunicação esteja no âmago de seu ofício. Sem a existência dos meios de comunicação, não poderíamos sequer falar de “sociedades”, nem de “trocas” (simbólicas ou outras) possíveis entre grupos humanos, menos ainda imaginar a emergência das “culturas” humanas.

A figura de Bateson me fascinava. Admirava-o pelas novidades com as quais empurrava os antropólogos quando falava de seus outros centros de interesses: “No decorrer da minha existência coloquei as descrições de tijolos e de jarras, de bolas de sinuca e de galáxias numa caixinha e, ali, deixei-as repousar em paz. Numa outra caixa, coloquei coisas vivas: os caranguejos do mar, os homens, os problemas de beleza e as questões de diferenças. É o conteúdo da segunda caixa que a mim interessa”.

Alessandro: Este pensamento de Bateson é fascinante e o li pela primeira vez por seu intermédio. Mas em sua trajetória aconteceram outros encontros...

Etienne: Foi na virada deste século que tive a intuição e que arquitetei o encontro de dois pensadores modernos: o antropólogo e epistemólogo inglês, Gregory Bateson, e o historiador de arte, judeu-alemão, Aby Warburg. O primeiro falava da “estrutura que conecta os seres vivos”; o outro, ao explicar a maneira com que organizava seus livros, isto é, os saberes, na sua elíptica biblioteca de Hamburgo, me convidava a descobrir o que chamava de “lei da boa vizinhança”. Esses dois gigantes da epistemologia humana, poderiam – pensei – nos permitir reinventar alguns dos territórios, ao lado da fala e da escrita, da comunicação

Alessandro: Sim, Aby Warburg. Mas ainda há outro nome que mereceria sua atenção...

Etienne: Estava em Hamburgo em julho de 2002. Participava do 6º Congresso Internacional Word & Image. Interactions: Space/Time/Image/Word, apresentando uma comunicação precisamente intitulada: “Em torno de Balinese Character (1942) de Gregory Bateson e de Margaret Mead”. Teria sido um mero acaso? Foi nessa cidade que descobri a figura de Aby Warburg (1866-1929), que tinha vivido ali. Lá ainda iria encontrar, pela primeira vez, aquele que se tornou seu exegeta mais qualificado e autorizado: o filósofo e historiador de arte, Georges Didi-Huberman.

Todos sabemos que a imagem - qualquer imagem - é capaz de nos fazer pensar e, mais, que ela é portadora de pensamentos (notadamente os do operador que a fez e os dos espectadores que a contemplam). Na época, Bateson me tinha apoiado e, silenciosamente, encorajado a pôr na “caixinha de coisas vivas”, as imagens. Levantava, deste modo, uma questão nova: será que a imagem, ao associar-se com outras imagens, não seria, também, uma “forma que pensa” (até independentemente de nós)? Para responder a tal provocação heurística, Bateson e, agora, Warburg, me convidavam a pensar, em novas perspectivas, sobre as formas visuais que a comunicação humana empresta para criar a cultura, e sobre como as imagens organizam e sistematizam os saberes humanos por meio das artes.

Alessandro: Essas provocações novas, a que você nos apresenta, são incrivelmente fascinantes...

Etienne: Se fosse possível pedir a Aby Warburg como definir a existência humana - sua vida, nossas vidas, nossas culturas -, sua resposta, penso, poderia ser desta ordem: a vida humana (e todas as culturas que a moldam) é um movimento ou, melhor dizendo, circuitos e espirais de movimentos que se entrelaçam, se entrecruzam e se procuram. São movimentos que, sempre, se inserem no tempo e no espaço, isto é, numa história. Uma história, não necessariamente, é somente datada e linear, pois o tempo das formas e das imagens não pertence apenas ao tempo da história. As imagens fazem parte de um tempo anacrônico. São tensões extremas abertas ao passado e ao futuro. A arte (e todas as suas expressões figurativas) representa o espaço privilegiado de diálogo e de compreensão desses movi-

As imagens fazem parte de um tempo anacrônico. São tensões extremas abertas ao passado e ao futuro.

mentos da vida ao longo da história humana, sempre em estado de recomeço, de retomada e de recomposição. As obras artísticas são, assim, “formas”, condensações ou granulações de movimentos que se apelam e conversam.

Alessandro: E a arte teria um papel complexo e determinante nisso tudo?

Etienne: A arte permanecerá, por esses motivos, o espaço de uma mediação necessária entre as paixões e as razões. Não podemos, dessa sorte, desconhecer o incansável trabalho da memória humana, menos ainda subestimar o peso da memória que as imagens carregam e veiculam. As imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de outra maneira. Warburg, não somente procurava elaborar uma “história da arte sem palavras”, mas como ficou patente no seu Atlas Mnemosyne, buscava desvendar - através de formas expressivas, patéticas e passionais da história - o sentido profundo de nossa própria marcha humana. A arte era para ele a maneira de entender nossa humanidade e seu possível futuro. Warburg, “o homem que falava às borboletas”, permanece como um bom vizinho de Gregory Bateson, o qual procurava as “estruturas que conectam os seres vivos”. Ambos tornavam possíveis uma outra arte de pensar o mundo e de aprimorar a questão da observação e de suas representações

Alessandro: A relação que você construiu, através destes anos, com esses grandes autores, suas ideias e percepções, de modo tão original e crítico, é realmente admirável. Na sua concepção, quais os futuros da Antropologia Visual?

Etienne: Enquanto antropólogo, me alegrei, na verdade, vendo que as fronteiras entre História da Arte, Imagens e Antropologia iam se abalando, no decorrer das últimas décadas. Na virada cognitiva visual da qual participamos, Antropologia Visual e História da Arte, em especial, outrora afastadas, vão redescobrimo a natureza e os horizontes de sua comum origem nos meados do século XIX.

As imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de outra maneira.

É muito provável que a própria Antropologia redescobrir-se-á a partir da Arte e suas representações. É, pelo menos, o horizonte ao qual Lévi-Strauss (1906-2009) nos convocava em 1962, quando lembrava

que o (chamado) pensamento selvagem (mediatizado pela percepção, pela palavra e pela imaginação) e o pensamento racional (domesticado pela escrita) representavam dois níveis estratégicos do pensamento humano e da Ciência, no cruzamento dos quais se encontrava a Arte, esse espaço de reminiscências e de eclosões sensíveis, perceptivas e racionais.

Os vieses através dos quais gostaria agora de formular essa busca de uma Antropologia das imagens, seriam de uma dupla ordem. Permanecerei muito atento a um questionamento que sempre me despertou e me inquietou: o que havia de singular e de complementar entre os grandes suportes da comunicação humana (oralidade, escrita e visualidade) com relação às lógicas comunicacionais específicas que cada um desses meios empregava? Essa pesquisa futura, de outro lado, deverá sempre levar em conta a precedência da imagem e do som com relação à oralidade e à escrita. Deveremos ainda poder contar com aquilo que as máquinas de imagens nos permitirão, num futuro próximo, combinar [com a palavra e a escrita] na captura e na análise dos fatos, das imagens e das memórias de culturas.

Eis um primeiro quadro geral dentro do qual deveríamos inserir o que Georges Didi-Huberman - que foi o meu guia durante mais de dez anos -, sonha esboçar e que chama de “arqueologia do saber visual”.

Alessandro: O que viria a significar a tal arqueologia para Georges Didi-Huberman? O que nos indicaria? Quais os caminhos heurísticos e metodológicos que nos sugeriria? Como procuraria nos acompanhar?

Etienne: Eis alguns prováveis caminhos. Penso que nos diria essas coisas simples: gostaria de refletir sobre as imagens na medida em que são - constitutivamente - fenômenos, acontecimentos, aparições, revelações, epifanias, pequenas luzes que queimam o tecido humano (social) e interpelam (ou não) nosso cotidiano. Gostaria, também, de olhar para elas e deixá-las nos inquietar na medida em que as imagens não são apenas atos e fatos, mas ainda na temporalidade que toda imagem carrega: lugares de memórias (lembranças, sobrevivências,

gostaria de refletir sobre as imagens na medida em que são - constitutivamente - fenômenos, acontecimentos, aparições, revelações, epifanias, pequenas luzes que queimam o tecido humano (social) e interpelam (ou não) nosso cotidiano.

ressurgências), revelações de tempos passados, de tempos presentes. Por vezes, até lugares de expectativas (esperanças, prefigurações de tempos que hão de vir, presságios, promessas, desejos). Gostaria, ainda, de olhar para elas, não apenas como campos de memória, como arquivos vivos e lugares de desejos, mas ainda, como um terreno de questões, de questionamentos sobre nossa história, apelos (às vezes, gritos) que nos convocam a tomar posição em nome da história humana, em nome do porvir de nosso planeta.

Assim, não apenas “pensar a imagem” e, sim, “pensar por imagens”, isto é, aprender a “abrir”, a “desdobrar” as imagens para nelas, redescobrir, numa perspectiva aberta por Walter Benjamin, seus profundos e verdadeiros valores de uso (de utilização, de projeto) para o nosso século.

Alessandro: Querido Etienne, te agradeço profundamente por essa entrevista tão rica em conhecimento, humanidade e generosidade. Conhecer os caminhos que você percorreu, e continua a percorrer, fascina e inspira a todos nós. Não sairemos ilesos destas páginas. Sua história está sensivelmente imbricada com a da Antropologia Visual no Brasil, suas contribuições são basilares e nos ajudam muito a refletir no que fazer e refazer, quando pensamos nas imagens e na própria Antropologia.

Assim, não apenas “pensar a imagem” e, sim, “pensar por imagens”, isto é, aprender a “abrir”, a “desdobrar” as imagens para nelas, redescobrir, numa perspectiva aberta por Walter Benjamin, seus profundos e verdadeiros valores de uso (de utilização, de projeto) para o nosso século.



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 342 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:
Julho de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÁO
CULT

O ano de 2022 segue nos presenteando com os frutos do projeto Território Científico. Chegamos agora ao terceiro volume, Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil, na verdade, o primeiro livro de uma série de três, trazendo alguns dos maiores nomes da Antropologia (áudio)Visual brasileira.

É possível aprender muito com grandes mestres. Com os mestres reunidos neste livro, aprendemos que uma trajetória não é um caminho solitário, que a Antropologia não se faz só de texto, é visual, é a arte da escuta, é uma forma de se aproximar do mundo, de nos tornarmos protagonistas da nossa própria história, que não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas. Aprendemos ainda que se agirmos como se estivéssemos sempre encantados, poderemos perceber que a representação está carregada de afetos, que a generosidade, a solidariedade e o sonho existem. E podemos conhecer juntos, e podemos aprender que as imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de outra maneira.

Realização:



Apoio:



LEPPAIS
Laboratório de Etnia, Pensamento e Práticas
em Antropologia da Imagem e do Som

ISBN 978-655421012-6



9

786554

210126